

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br



EUGENIO BARBOZA/DIVULGAÇÃO/JC

Coletivos artísticos independentes, empreendedores e gestores públicos da Cultura têm lutado para contornar os prejuízos da enchente

## CLIMA

# Comunidade cultural segue reerguendo seus templos



Adriana Lampert  
adriana@jornaldocomercio.com.br

A enchente de maio de 2024 não apenas causou danos materiais significativos aos espaços culturais de Porto Alegre, mas também feriu o coração da vida artística da cidade. Passados 12 meses da tragédia climática, os esforços de recuperação e reabertura gradual desses lugares demonstram a resiliência da comunidade cultural, que segue reerguendo seus templos e buscando se aproximar da população.

Com a proposta de reerguer a Terreira da Tribo, sede do coletivo Ôi Nóis Aqui Traveiz, o grupo que teve a maior parte do seu acervo destruído pela enchente, somando um prejuízo de mais de R\$ 1 milhão,

reabriu seu espaço cênico em novo endereço, no último dia 28. Antes situada na rua Santos Dumont, no bairro São Geraldo, a Terreira da Tribo agora funciona provisoriamente na av. Pátria, 98, localizada no mesmo bairro, na região do 4º Distrito. O grupo espera assinar em maio a cedência de um espaço (pelos Correios) para uma sede definitiva (na rua Ernesto da Fontoura).

A reconstrução da sede e do trabalho do Ôi Nóis Aqui Traveiz foi um esforço conjunto, com a participação de voluntários e apoio financeiro de várias fontes. Após meses de luta, o coletivo retomou as atividades. “Estamos em um momento em que já acreditamos que vamos sobreviver”, afirma a atuadora e produtora Tânia Farias. “Depois de passarmos pela ditadura, diversas recessões, desmonte da Cultura durante o último governo federal (2019 a 2022), pandemia... Pela primeira vez chegamos a ter dúvidas de que iríamos conseguir retornar”, desabafa. “A enchente levou um pouco do nosso chão.”

Também no 4º Distrito, região devastada pelas inundações

de 2024, a casa de shows Gravador Pub precisou mudar de endereço, por conta da destruição de seu espaço anterior. Após oito anos funcionando na rua Conde de Porto Alegre, bairro São Geraldo, e depois de três meses fechado, o empreendimento funciona, desde agosto do ano passado, na rua Ernesto da Fontoura, 962 (no mesmo bairro). Os proprietários, Gabriel e Cristina Salomão, inauguraram o novo espaço, ainda com “muita coisa para fazer, por muito tempo”. Mas a adesão do público aos espetáculos é um alento.

Como em sua primeira versão, o espaço do palco do Gravador Pub ocupa uma área expressiva e o camarim está melhor estruturado. O salão principal, por sua vez, está mais espaçoso, recebendo até 250 pessoas, em contraste com a lotação anterior, de 100. O empreendimento também conta com um pequeno museu, que exibe objetos salvos da enchente e relíquias que caracterizam o velho espaço.

Localizado no bairro Menino Deus, o Teatro Nilton Filho, também devastado pelas inundações, foi rea-

berto após um período de evacuação, com as portas abertas para aulas e atividades a partir de junho do ano passado. A reabertura foi possível graças a um mutirão de alunos e amigos que ajudaram a limpar e recuperar o espaço. “No entanto, até agora estamos com coisas empilhadas, sem dinheiro para recuperar mobiliário”, comenta o ator e diretor Nilton Filho, proprietário do local.

Contrariando a previsão inicial de reabertura para junho do ano passado, a Casa de Cultura Mario Quintana só pôde reabrir suas portas ao público em 14 de agosto de 2024, após três meses e meio de fechamento, e ainda com obras em curso no térreo. “Além da limpeza pesada, fizemos a substituição das partes elétricas, sanitárias e de segurança, e o restauro arquitetônico, de esquadrias, e de dois acervos, além de benfeitorias nos espaços comerciais. Somente para a CCMQ, foram necessários R\$ 2,5 milhões”, resume a diretora Germana Konrath.

Também com recursos do Banrisul, a recuperação da Cinemateca Paulo Amorim ocorreu de forma gra-

dual. A Sala Eduardo Hirtz foi a primeira a reabrir, em agosto de 2024. Já a Sala Norberto Lubisco foi a última a ser restaurada e voltou a funcionar recentemente, em fevereiro de 2025. “Uma coisa muito bacana foi ver que o público apoiou essa retomada, marcando presença nas sessões de cinema”, aponta a curadora e gestora da Cinemateca, Mônica Kanitz. “A resposta das pessoas está sendo excelente. Foi uma experiência difícil, mas saímos mais fortes, com a população valorizando mais o que os equipamentos de Cultura oferecem”, opina.

Reaberto, de forma parcial, em dezembro de 2024, em meio à recuperação de acervos e documentações e em paralelo às obras de restauração do prédio (financiadas pelo Banrisul, com aporte de R\$ 5,6 milhões por parte da Sedac), o Margs investiu em uma série de projetos técnicos e trabalhos de especialistas de diferentes áreas, que seguem atuando na restauração dos acervos. “É um processo paciente e demorado, e se dará ao longo dos próximos dois anos”, explica o diretor da Instituição, Franciscol Dalcol. “A equipe atuante no Margs já restaurou mais de 200 obras até aqui. Paralelamente, outras 260 obras estão sendo restauradas na Universidade Federal de Pelotas, enquanto mais de 500 obras estão em fase de contratação de serviços, também externos, de restauro”, emenda. O gestor complementa que 300 fotografias já foram reimpressas ou ampliadas, sendo que mais de dez obras estão sendo reconstruídas.

Já o Memorial do Rio Grande do Sul está passando por um processo de restauração. As obras, que devem durar 18 meses, são financiadas pelo PAC Cidades Históricas e visam revitalizar o prédio histórico, que também abriga o Museu Antropológico, o Arquivo Histórico do Estado e o Espaço Cultural Correios. “Não ficamos completamente fechados desde maio. A partir de julho, passamos a oferecer visitas pontuais para grupos menores, inclusive recebendo escolas sob agendamento”, destaca a diretora da Instituição, Sylvia Bojunga.

“Em novembro, Mês da Consciência Negra, levamos a exposição itinerante do Margs, *Palmares Vive*, a Jaguarão, e tivemos encontros com estudantes, coletivos negros e comunidades quilombolas. Neste ano a exposição seguiu para Arroio Grande e vai percorrer outros municípios da Metade Sul. Essa é uma forma de nos fazermos presentes junto ao público, mesmo estando sem sede”, comenta a gestora. “O Arquivo Histórico também não fechou completamente. O atendimento aos pesquisadores foi mantido nas terças e quintas e pode ser feito mediante agendamento.”